

EXISTE HIERARQUIA DE SIGNIFICADOS EM PSICOLOGIA E NAS DISCIPLINAS DE SAÚDE MENTAL? OBSERVAÇÕES E COMENTÁRIOS*

*Joseph P. Cangem**
Cash J. Kowalski****

Sumário

Há três grandes correntes na Psicologia: a Psicanálise, o Comportamentalismo e o Humanismo. Cada uma dessas correntes tem uma visão própria sobre o comportamento humano que tende a ser conflitante uma com as outras. Este artigo reflete sobre as diferenças entre essas correntes e a sua percepção da realidade, da verdade e dos valores. Percebe-se que, nestes últimos anos, tem havido mais respeito favorecendo aquelas disciplinas que têm orientação científica. Parece ter-se desenvolvido uma hierarquia enfatizando as disciplinas encabeçadas por pesquisas que usam métodos quantificáveis. Um status mais baixo tem sido dado às disciplinas que focalizam comportamentos que não são facilmente quantificáveis. Como resultado, cada vez mais programas de graduação têm colocado em foco as habilidades de mensuração e de pesquisa e menos as habilidades humanísticas. Os autores acreditam que há necessidade de maior comunicação e contato entre os pesquisadores e usuários de dados - os profissionais clínicos e de aconselhamento. De fato, o cientista comportamental precisa interagir com seus colegas.

Os autores escolheram este tópico para compartilhar algumas observações fornecidas por numerosos colegas com relação ao aparente conflito que existe entre as várias áreas de especialização em Psicologia e as disciplinas de saúde mental. Os profissionais cuja especialidade está mais na área de psicologia aplicada, a saber, a Psicologia Humanística, a Psicologia Clínica e de Aconselhamento, etc., parecem estar em conflito com outros profissionais da ciência do comportamento que se consideram pesquisadores, experimentalistas, teóricos - em suma, "verdadeiros" cientistas.

Os autores têm notado uma distância pessoal e profissional por parte de muitos indivíduos que se consideram mais científicos em sua abordagem psicológica em comparação com outros que se identificam com a comunidade

* Traduzido por Fernando A. Leite de Oliveira e Mário Magnusson Júnior, professores do Departamento de Fundamentos da Educação da Universidade Federal de Uberlândia.

** Professor de Psicologia, Western Kentucky University.

*** Diretor de Programas Internacionais, College Business, Ohio State University.

da Psicologia Humanística aplicada. Este comportamento, observado por outros profissionais, em numerosos campi e contextos, tem intrigado os autores porque parece que muitos cientistas comportamentais não estão conscientes de um dos cânones da higiene mental: o respeito para com aqueles que fazem diferentes escolhas (Branden, 1988; Carroll, 1969; Goble, 1972; Maslow, 1971; Rogers, 1969; Rogers, 1964; Rogers, 1980). Isto obviamente inclui aqueles cuja escolha vocacional é diferente.

A FILOSOFIA E A PSICOLOGIA

A Psicologia tem suas raízes na Filosofia. Alguns dos mais destacados psicólogos foram astutos filósofos. Quantos psicólogos conseguiram ir além na visão da conduta humana de filósofos como Sócrates, ou seu discípulo Platão, ou o discípulo de Platão, Aristóteles? É preciso recordar que estes homens viveram numa época em que não havia acesso a computadores, livros, imprensa escrita, rádio, televisão e bibliotecas para estimular o desenvolvimento do seu pensamento. Não tiveram oportunidade de pesquisar a literatura e descobrir o que numerosos outros pesquisadores, tanto de sua época como anteriores, encontraram no conjunto dos estudos publicados. Eles tiveram a sua disposição somente aquilo que podiam aprender, por eles mesmos, na maioria das vezes. Pode haver um tributo maior que aquele atribuído a Sócrates? Durante sua vida, ele não escreveu seus pensamentos, apenas depois de sua morte, seus discípulos inventariaram e transcreveram o que ele pensou. É desnecessário dizer que suas idéias floresceram e enriqueceram o intelecto humano por mais de 2000 anos.

O elo entre a Filosofia e a Psicologia pode se tornar mais explícito na medida em que o campo psicológico compartilha as mesmas visões de mundo com respeito à natureza humana como um "campo" filosófico. As teorias behavioristas de aprendizagem foram fortemente influenciadas pelo modelo mecanicista e pelo Empirismo inglês. O modelo mecanicista é baseado no pressuposto de que o comportamento é uma função dos estímulos do ambiente e que as mudanças são de natureza quantitativa. A teoria cognitiva foi muito influenciada pelo modelo organísmico e pelo intelectualismo francês. O modelo organísmico é baseado no pressuposto de que as crianças são qualitativamente diferentes dos adultos e que tais mudanças ocorrem em função da idade ou dos estágios de desenvolvimento. A psicologia humanista delineou-se a partir da filosofia de René Descartes, enquanto que a Psicologia Gestaltista foi claramente influenciada por Immanuel Kant. Em suma, os filósofos têm contribuído substancialmente para o desenvolvimento do campo da Psicologia e esta tem um considerável débito para com a Filosofia.

AS TRÊS PRINCIPAIS CORRENTES NO ESTUDO DO COMPORTAMENTO HUMANO

Uma revisão histórica na literatura mostra que houve um desejo consistente por parte do ser humano de compreender seu comportamento.

Para melhor estudar de forma objetiva o comportamento humano, foi fundado, em 1879, na Universidade de Leipzig, na Alemanha, o primeiro laboratório de Psicologia, através de grandes esforços e dedicação de Wilhelm Wundt.

A partir de Wundt, pelo seu esforço para medir e quantificar o comportamento humano, os psicólogos têm-se voltado para os instrumentos de mensuração. O presente status do campo de mensuração, entretanto, dificulta diretamente o estudo de aspectos substanciais do comportamento humano. Atualmente, o único comportamento que pode ser medido é aquele para o qual as técnicas usuais de medida podem ser aplicadas (Child, 1972). Isto significa que os comportamentos humanos para os quais as técnicas de medida não alcançam sua aplicação acabam sendo ignorados, devendo-se aguardar até que metodologias mais apropriadas sejam desenvolvidas.

A PSICANÁLISE

A primeira abordagem relevante para o estudo do comportamento humano teve seu início com Sigmund Freud: a Psicanálise. Esta é vista como a primeira teoria mais importante nas correntes sobre as ciências do comportamento. O constructo freudiano diz que o comportamento humano é intensamente motivado e guiado por forças inconscientes. Em geral, sua teoria é fortemente marcada pelo conceito de pessimismo com respeito à natureza humana e à humanidade (Bischof, 1970). Freud acreditou que o indivíduo, em função das primeiras experiências, seria impelido para certas direções do comportamento e que seu potencial para mudanças seria limitado ou não existente. A visão essencial freudiana do ser humano coloca o indivíduo com forte orientação negativa, dirigido a instintos anti-sociais, hedonísticos, centrado em si próprio, com tendência a ser aparelhado e reprimido, para o bem da sociedade.

O BEHAVIORISMO

Para muitos psicólogos, o ser humano é um organismo que reage a estímulos. Esta visão do ser humano atribui ao indivíduo o papel de uma entidade que pode ser manipulada através do uso de recompensas relacionadas ao aparecimento de um estímulo particular ou de uma instrução. Esta abordagem sugere que o indivíduo é essencialmente um organismo mecânico. Ela está pouco preocupada com a noção de que o indivíduo tenha habilidades para pensar e julgar independentemente de estímulos externos. De acordo com alguns cientistas orientados para o comportamento, o organismo humano inclui um vasto número de conexões estímulos-respostas. Um indivíduo não pensa ou age por si próprio, mas responde. O mais destacado expoente desta teoria foi B. F. Skinner, da Universidade de Harvard (Skinner, 1968; Nye, 1979). A maioria dos que compartilham desta visão denominam-se behavioristas e estão interessados fundamentalmente no comportamento observável ou mensurável. Entretanto, esta é apenas uma abordagem ao estudo do

comportamento humano. Tem muito a oferecer, mas também apresenta muitas lacunas. Na visão de muitos autores, qualquer estudo do organismo humano que queira fazer justiça a este organismo extremamente complicado deve levar em conta como se dá o comportamento interno, assim como o que se pode observar externamente (Maslow, 1970). O Behaviorismo é considerado a segunda principal corrente no campo da Psicologia.

A PSICOLOGIA HUMANISTA

Uma terceira e mais nova abordagem para compreender o comportamento humano é aquela que tem sido aceita por aqueles cientistas comportamentais que se denominam de psicólogos da Terceira Força (Goble, 1970) ou Humanistas. Os teóricos da Terceira Força propõem uma teoria do comportamento baseada no pressuposto de que o ser humano nasce neutro ou bom, e que deseja tanto ser bom como fazer o bem. A sociedade, e as experiências negativas que ela propicia, é que levam o indivíduo a ser mau.

Os humanistas acreditam que o organismo humano tem certas necessidades fundamentais. Quando tais necessidades são satisfeitas, o organismo desabrocha e cresce numa direção positiva. Quando as condições ambientais são positivas, o organismo tem a capacidade de um substancial crescimento pessoal, de se preocupar com os outros e com a melhoria da sociedade (Goble, 1970). Esses pontos de vista estão também na linha da noção de determinismo recíproco de Albert Bandura (Bandura, 1977) segundo a qual a pessoa, o ambiente e o comportamento humano se influenciam reciprocamente para produzir comportamento. Bandura defende que o comportamento humano é regulado pelos seus padrões autodesenvolvidos de desempenho, pela eficácia autopercebida, e pelo código de moral de cada um (Bandura, 1977). Em resumo, o indivíduo é favorecido pelo enorme potencial para um crescimento e desenvolvimento positivos. Uma vez que este potencial é interno, as atuais formas de mensuração terão pouca precisão para identificar de forma razoável as capacidades inatas e as tendências individuais.

As três abordagens anteriores correspondem às três principais forças ou crenças no estudo do comportamento, delineando o campo da psicologia desde os seus primórdios.

A METAFÍSICA: REALIDADE

Metafisicamente falando, para o cientista comportamental orientado para a pesquisa, é observável e real que o organismo humano reage a estímulos. Seu mundo é o dos estímulos experienciados e das respostas a estes estímulos. As respostas futuras podem ser previstas com base na experiência com os estímulos. O psicólogo orientado para a pesquisa (comportamental) muitas vezes falha ou recusa-se a considerar a perspectiva

de que o indivíduo pode fazer escolhas para diferentes respostas, independente de um estímulo particular presente e observado.

Os psicanalistas tendem a ver os seres humanos como potencialmente destrutivos, maléficos e agressivos, em função da observação que fazem desses comportamentos, e isto, para eles, é o real. Eles falham quando deixam de considerar como as condições culturais podem ter provocado ou influenciado a conduta do indivíduo para ser destrutivo e anti-social. Eles assumem que o organismo humano foi predisposto a ser desta maneira.

Os humanistas percebem o indivíduo de um ponto de vista metafísico. Vêem o organismo humano como possuidor de um grande e incomensurável potencial. Isto talvez tenha se originado do fato de terem escolhido para estudar pessoas notáveis que, no passado, tenham escrito sobre o desenvolvimento de suas capacidades. Em função disto, sustentam a visão metafísica de que o indivíduo é um organismo capaz de enormes crescimentos pelo seu próprio mérito. Este ponto de vista metafísico do indivíduo coloca-o sob um aspecto altamente positivo, dando ao indivíduo créditos para a sua criatividade, pensamento e independência.

A EPISTEMOLOGIA: VERDADE

A verdade, para o psicólogo orientado para a pesquisa (comportamental) reflete os dados coletados e as inferências feitas com respeito ao comportamento humano, depois de examinar animais por diversas horas, dias, semanas ou meses, ou de medir comportamentos humanos observáveis de uma maneira cientificamente aceitável, na maioria das vezes, em laboratórios. O psicólogo orientado para a pesquisa infere que a informação obtida através de pesquisas com ratos, macacos, pombos ou planárias pode ser usada para uma melhor compreensão do comportamento humano. Não obstante, o objetivo de compreender o comportamento humano deve ser visto de um modo especial e muitos escritores têm começado a fazer sérias reservas a respeito de conhecimentos obtidos através de experimentos com animais e transferidos para os humanos (Maslow, 1971). Os objetivos não são questionáveis, nem em seu trabalho, e nem em sua metodologia, somente as inferências.

A teoria da Psicanálise, para alguns cientistas comportamentais, parece ter alguma aparência de validade baseada na observação de que muitos clientes parecem ir bem ao se utilizar desta técnica terapêutica desenvolvida por Freud. Uma vez que a psicanálise comprovadamente tem tido sucesso com muitos pacientes, seus adeptos assumem que este método de ver e tratar a conduta humana está baseado na verdade. Para eles, se os pressupostos não fossem válidos, os métodos (psicanalíticos) não alcançariam o sucesso. No entanto, os dados empíricos sobre os resultados da psicanálise demonstraram que a técnica pode ser muito desapontadora (Hay & Floyd, 1971). Os dados comparativos de dois grupos de pessoas com problemas psicológicos, um que participou em psicanálise e outro que não recebeu

terapia, sugerem que não houve diferenças significativas entre os dois grupos. De acordo com Hay e Floyd (1971), a melhor coisa que a psicanálise poderia fazer para auxiliar seus pacientes **seria deixá-los à sua própria sorte.**

Epistemologicamente, os humanistas vêem a verdade nas capacidades de crescimento e desenvolvimento do organismo humano. Na medida em que estudaram o que consideram os melhores exemplos de comportamento humano disponíveis para estudo, como Albert Einstein, Abraham Lincoln e Eleanor Roosevelt, a verdade estaria na lógica segundo a qual estes tipos de modelos humanos seriam os melhores de sua espécie, e os demais seres humanos teriam o potencial para alcançar níveis altos e positivos de crescimento e desenvolvimento humanos. O quanto de crescimento e desenvolvimento humanos seria possível alcançar, em termos exatos, é desconhecido. Mas, uma vez que se pode compreender como esses indivíduos se desenvolvem e estão aptos a usar mais as suas habilidades, então, uma série de verdades adicionais virão à tona. Epistemologicamente, isto poderia sustentar melhores evidências quanto à validade desta abordagem teórica para o estudo do comportamento humano.

A AXIOLOGIA: VALORES

Para os behavioristas, a axiologia (valores) dos seres humanos é determinada pelos estímulos experienciados. Se os estímulos são positivos, o homem reage de maneira positiva, desenvolvendo ideais e valores desejáveis e tais comportamentos são chamados pela sociedade de bons ou aceitáveis. Para o behaviorista orientado para a observação, o indivíduo é somente condicionado a agir de forma boa e ter bons valores. Por si próprio, ele não pensa necessariamente de forma boa ou desenvolve bons valores.

Os psicanalistas acreditam que o potencial do indivíduo para o bem é limitado porque, do seu ponto de vista, os instintos humanos não são voltados para o comportamento positivo. Para eles, o comportamento humano é muito difícil de ser modificado na medida em que o organismo é destrutivo e agressivo, exceto quando, pressionado, tais impulsos são controlados e reprimidos. De acordo com a teoria psicanalítica, a bondade, nos seres humanos, só é possível na sociedade quando o superego chegou a um grau de desenvolvimento em que a pessoa se sente culpada para produzir bastante sofrimento de modo a ter preferência por comportamentos socialmente aceitáveis. Isto é o oposto de comportar-se de modo mais negativo e destrutivo, em direção ao que se acredita que o organismo humano é dirigido. Para o psicanalista, o indivíduo não nasce bom, o indivíduo é educado para ser bom e, para o bem da sociedade, seu comportamento precisa ser controlado.

Para o humanista, o organismo humano nasce neutro, bom ou direcionado para o bem. Conseqüentemente, eles vêem o indivíduo se desenvolvendo em direção a uma grande bondade, tanto para si mesmo como

para o resto da espécie humana. Os humanistas rejeitam a noção de que o homem nasce com disposição ou inclinação negativa. Ao contrário, percebem-no como um organismo destinado a alcançar considerável bondade por si próprio e pelos outros, se lhe derem oportunidade.

O RIGOR E O STATUS CIENTÍFICO

A Psicologia tem sido influenciada por essas três maiores correntes: a Psicanálise, o Behaviorismo e o Humanismo. Uma corrente considera o indivíduo como tendo, acima de tudo, a qualidade de um mecanismo (Behaviorismo); outra o percebe lutando para controlar seus instintos que são basicamente negativos (Psicanálise); enquanto que a terceira (Humanismo) concebe-o nascido com habilidade para um grande desenvolvimento, crescimento e potencial. Essas três abordagens para o estudo do comportamento estão incluídas na disciplina Psicologia. Cada uma delas parece disputar a eminência, o status, o prestígio, e o poder maior ou igual ao das outras duas. Cada uma deseja o seu reconhecimento de significado e respeito por parte da comunidade científica. Cada uma estuda o organismo humano do modo como está preparada para percebê-lo.

Uma vez que a educação alemã tenha dado origem ao grau de Ph.d., a respeitabilidade de uma disciplina tem sido relacionada à sua postura e abordagem científica. As disciplinas que são científicas ou que se apóiam principalmente em métodos quantificáveis adquiriram muita respeitabilidade por parte de outras disciplinas. Em Psicologia, por muitas décadas, um alto grau de respeitabilidade tem tido por base a teoria e a pesquisa quantificável. Isto pode ser um pequeno argumento segundo o qual, em Psicologia, o caminho para o status, o prestígio, a respeitabilidade e o poder se dá através da Psicologia orientada para a pesquisa quantificável. Os behavioristas, que encabeçam a Psicologia orientada para a pesquisa, estão entre os mais influentes e poderosos grupos de psicólogos atuais. Existe, também, a influência recente de um movimento voltado para a Psicologia Cognitiva, cujos defensores usam os mesmos métodos de pesquisa científica, embora de uma perspectiva muito menos mecanicista do comportamento humano. Não é tão difícil de compreender o porquê: a ciência tende a ser venerada por muitos como uma divindade, e os estudos quantificáveis do comportamento humano mais cientificamente orientados trazem um significativo status. Como resultado, em termos de importância, os psicólogos orientados para a pesquisa ficaram com a parte do leão no campo da Psicologia. Os humanistas parecem não ter conseguido a respeitabilidade que os psicólogos orientados para a pesquisa atingiram, porque eles se voltaram para comportamentos não facilmente quantificáveis, que incluem: amor, lealdade, bondade, criatividade e justiça. É interessante que Abraham Maslow, um dos líderes do movimento humanista, não tenha começado seu trabalho como um psicólogo da Terceira Força, pois sua experiência e treinamento inicial foi na área experimental (Child, 1972; Maslow, 1970).

Os psicanalistas parecem ter menor respeitabilidade nas ciências comportamentais como um todo, mais do que desejariam. Uma das razões é porque a teoria psicanalítica, particularmente a que focaliza o inconsciente, é extremamente difícil de ser estudada de uma perspectiva quantificável. Os que veneram o rigor e o método experimental nas ciências comportamentais parecem ter um ponto de vista negativo da psicanálise quanto a ela ser uma abordagem valiosa e confiável tanto para o estudo como para a compreensão da conduta humana.

Muitos aceitam que a maior verdade na Psicologia é o interesse pelos seres humanos. Depois de consideráveis observações, no entanto, os dados que os seres humanos possam produzir aparecem como a maior verdade em Psicologia, muito mais do que a pessoa em si. Muitas escolas de graduação, com programas em Psicologia, parecem preferir estudantes graduados que colocam considerável ênfase em pesquisa e mensuração. Poucos programas de graduação parecem preferir estudantes com interesses gerados em áreas que não são facilmente quantificáveis, tais como o amor e a criatividade, que requerem considerável sensibilidade e desenvolvimento clínico. Em função da quantificação e da respeitabilidade científicas, muitos programas de graduação em Psicologia muitas vezes tem preferido selecionar pessoas voltadas para coisas e dados relacionadas ao comportamento humano em detrimento de indivíduos propensos e dispostos a auxiliar seres humanos. Colocando a respeitabilidade científica como um objetivo importante, a Psicologia atribui menos respeitabilidade e, conseqüentemente, menor status às áreas que têm menor capacidade de produzir dados quantificáveis sobre o comportamento humano, pesquisado através de método científico aceitável e publicado em periódicos respeitáveis.

ACONSELHAMENTO PROFISSIONAL

Uma profissão interessada no comportamento humano, porém menos orientada para a quantificação que a Psicologia, porque os métodos para mensurar o interior dos seres humanos deixam muito a desejar, é a profissão de Aconselhamento. Para muitos psicólogos orientados para a pesquisa parece que ao aconselhamento falta tanto a respeitabilidade acadêmica como a científica. Os profissionais de aconselhamento são limitados porque, não podendo eventualmente resolver rapidamente as dúvidas de seus clientes, aumentam muito sua tensão, perturbando-os. Alguns psicólogos metodológicos parecem olhar como inferiores as áreas de psicologia aplicada, o que inclui o aconselhamento profissional. Isto parece favorecer o aumento da distância profissional freqüentemente observada entre os psicólogos orientados para a pesquisa e os psicólogos aplicados, entre o psicólogo orientado para a pesquisa e o orientador vocacional. Os psicólogos com forte orientação para a pesquisa tendem a olhar com inferioridade não só os profissionais de aconselhamento (e outras áreas aplicadas), como tendem a relegar a um grau inferior os psicólogos que, em sua própria disciplina, são orientados menos para a pesquisa e mais humanisticamente. Muitos programas, no papel,

atraem psicólogos de aconselhamento, clínicos e escolares, mas têm muito mais interesse em voltar-se para a pesquisa escolar do que para profissionais clinicamente competentes, persistentes e altamente sensíveis. É infinitamente mais importante desenvolver pesquisas escolares com esses títulos do que tornarem-se profissionais com alta habilidade clínica. Os programas pelos quais passam alunos de aconselhamento, clínico e escolar, estão saturados de pré-requisitos com pesquisa e estatística. Isto faz com que estudantes orientados humanisticamente e que preferem dar menos ênfase à pesquisa estejam propensos a deixar tais programas e direcionar-se para outras áreas mais relacionadas ao indivíduo como uma entidade qualitativa. Em conseqüência, testemunha-se o desenvolvimento de programas com graus de uma nova Psicologia (Psy.D.) e de profissionais escolares de Psicologia.

Muitos profissionais no aconselhamento profissional (e em outras áreas aplicadas) normalmente se percebem como lidando com o indivíduo tal como ele é; com todos os seus problemas, planos futuros, aspirações e fracassos. Dados externos, por si só, com respeito ao comportamento humano, freqüentemente permitem a manipulação, o que usualmente não acontece com os aspectos internos. A relação que existe entre os profissionais de aconselhamento e os de disciplinas de Psicologia poderia ser uma relação muito positiva e benéfica. Os dados gerados pelo psicólogo pesquisador são valiosos para o aconselhamento. Os conselheiros aplicam e, portanto, são clientes dos dados produzidos pela pesquisa psicológica. Isto não quer dizer que os conselheiros não geram dados válidos com respeito ao comportamento humano. Muito pelo contrário, eles o fazem. Entretanto, porque eles são mais clientes que produtores de dados psicológicos, parecem ter sido relegados, na hierarquia da comunidade científica comportamental, a uma posição que não está de acordo com a sua habilidade em auxiliar o crescimento e desenvolvimento dos seres humanos; antes, acabam sendo mais marcados pela sua inabilidade em gerar descobertas metodologicamente seguras de pesquisa. Os psicólogos e aconselhadores da linha qualitativa não parecem ter uma boa classificação na hierarquia das ciências comportamentais.

A atmosfera entre os "campos" de psicologia é hostil. Desenrola-se uma batalha entre os profissionais que controlam a maioria dos votos na APA (American Psychological Association) e os pesquisadores/cientistas que sentem que suas preocupações não estão sendo encaminhadas pela APA (American Psychologist, 1987). Em conseqüência, eles formaram a sua própria organização, a American Psychological Society, na Primavera de 1988. A batalha tinha sido deflagrada. O impacto desta divisão pôde ser sentido nas verbas previstas em pesquisas federais, na qualidade dos periódicos profissionais, nos currículos de graduação, etc. A menos que este conflito possa ser resolvido, uma maior divisão e prejuízo está para ter impacto no campo da Psicologia.

Os autores deste artigo percebem a necessidade premente de mais contato e comunicação entre a comunidade científica psicológica, os profissionais e usuários de dados psicológicos. A falta deste diálogo e a má

vontade em ver que os profissionais orientados para a aplicação, como conselheiros, orientadores, psicólogos clinicamente orientados, etc, têm muito em comum com seus colegas de pesquisa teórica, acabaram criando uma desnecessária animosidade profissional e uma hierarquia de importância e significado nas ciências comportamentais. O resultado pode ser observado de forma emocional, e às vezes pela disposição geográfica, bem como por uma hostilidade entre os profissionais interessados em pesquisa e seus colegas interessados na sua aplicação. O que este distanciamento parece refletir é que enormes oportunidades para colaboração, cooperação, diálogo profissional e compreensão estão à disposição daqueles profissionais desejosos de ignorar a hierarquia que parece ter sido criada entre os especialistas comportamentais por muitos anos, permitindo a interação com cada outro como colegas, e não como superiores ou inferiores. De fato, uma série de passos poderia ser dada para resolver esse conflito, ao invés de caminhar para uma cisão pior e permanente na profissão.

BIBLIOGRAFIA

- Annual report of the policy and planning board: 1986. (1987). *American Psychologist*, 636-639.
- BANDURA, A. (1977). *An introduction to theories of learning*. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice Hall.
- BISCHOF, L. (1970). *Interpreting personality theories*. New York: Harper & Row.
- BRANDEN, N. (1988). *How to raise your self-esteem*. New York: Bantam Books.
- CARROLL, H. (1969). *Mental hygiene*. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice Hall.
- CHILD, I. (1972). *Humanistic psychology and the research tradition*. New York: John Wiley & Sons, Inc.
- GOBLE, F.G. (1972). *Excellence in leadership*. Washington, D.C.: American Management Association.
- _____. (1970). *The third force*. New York: Grossman Publishers.
- HAY, R., & FLOYD, W. (November 21, 1971). *Personal conversation with W. Floyd*. Bowling Green, Kentucky: Western Kentucky University.
- MASLOW, A. H. (1971). *The farther reaches of human nature*. New York: Viking Press.

- _____ . (1970). *Motivation and personality*. New York: Harper & Row.
- NYE, R. (1979). *Waht is B. F. Skinner really saying*. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice Hall.
- ROGERS, C. R. (1980). *A way of being*. Boston: Houghton Mifflin Company.
- _____ . (1969). *Psychotherapy and personality change*. Chicago: University of Chicago Press.
- _____ . (1964). *The concept of the fully functioning person*. LaJolla, California: Western Behavioral Sciences Institute.
- SKINNER, B. F. (1968). *The technology of teaching*. New York: Appleton-Century-Crofts.